

PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

DOCÊNCIA NA PANDEMIA DA COVID-19: as desigualdades de gênero na atuação de professores de uma escola pública no Maranhão

Nayra Joseane e Silva Sousa¹

Tayná Egas Costa²

RESUMO

Este artigo é fruto de reflexão de duas professoras que foram provocadas a desnaturalizar a experiência docente mediante as incertezas e desafios das aulas remotas durante a pandemia do Coronavírus. Em uma escrita inspirada na “escrevivência” de Conceição Evaristo, este trabalho busca refletir sobre os dados obtidos a partir de uma pesquisa quantitativa realizada em uma escola pública no estado do Maranhão com o objetivo de compreender as dificuldades do trabalho docente na pandemia. As reflexões aqui tecidas estão interessadas na intersecção das categorias trabalho e gênero, de modo que é identificado como o exercício da docência é atravessado pelas desigualdades de gênero, sobretudo, quando focamos no impacto que foi (e é) a pandemia da Covid-19.

Palavras-chaves: Desigualdade de gênero. Trabalho docente. Escrevivência.

ABSTRACT

This article is the result of the reflection of two teachers who were provoked to denaturalize the teaching experience through the uncertainties and challenges of remote classes during the Coronavirus pandemic. In a writing inspired by the “Escrevivência” of Conceição Evaristo, this work seeks to reflect on the data obtained from quantitative research carried out in a public school in the state of Maranhão with the aim of understanding the difficulties of the teaching work in the pandemic. The reflections woven here are interested in the intersection of the categories of work and gender, so that it is identified how the teaching practice is crossed by gender inequalities, especially when we focus on the impact that was (and is) the Covid-19 pandemic.

Keywords: Gender inequality. Teaching work. Escrevivência.

¹ UnB; Doutoranda em Antropologia Social; nayrasousapi@gmail.com

² IFPI; Graduada em Tecnólogo em Gastronomia; Mestre em Sociologia; taynaegas@gmail.com

PROMOÇÃO



APOIO



1 INTRODUÇÃO

A concepção deste artigo se deu a partir da reflexão de duas professoras de Ciências Sociais que em 2020, no auge da pandemia da Covid-19 compartilharam suas dificuldades em relação ao ensino remoto quando essa modalidade de ensino se apresentou como uma alternativa factível para o retorno das aulas nas incertezas da pandemia.

Os dados aqui apresentados foram obtidos a partir de uma pesquisa realizada pela professora de sociologia de uma escola de ensino médio público na cidade de Coelho Neto (MA), no intuito de refletir sobre o trabalho docente na pandemia. A partir das respostas obtidas via *google forms*, respondido por 75% dos docentes da escola, as duas professoras teceram diálogos que refletem sobre o impacto da pandemia e a interseção entre o trabalho docente e a desigualdade de gênero. A parceria desse artigo só foi possível pois ainda que as duas sejam professoras de sociologia, os dados obtidos foram apenas da escola de uma delas; a outra é pesquisadora da área de gênero e educação o que possibilitou as análises aqui dispostas.

No intuito de refletir as experiências como docente, imediatamente as professoras foram inspiradas pela escrevivência, proposta da escritora mineira Conceição Evaristo quando apresenta a junção das palavras “escrever” e “vivência”, ao tempo que explica:

Uma escrita em que o sujeito se coloca no seu espaço de pertença, no seu espaço de nascença, no espaço de vivência – porque o deslocamento cria elos afetivos, com o lugar que ele passa a habitar, além da memória do espaço e de onde ele veio. Normalmente, o texto acaba muito fincado nesses espaços, que eu chamo também de geografia afetiva. O sujeito vai narrar fatos muito próximos de sua vida ou da sua coletividade, e isso é uma forma, uma produção, sem sombra de dúvida, de uma escrevivência (EVARISTO, 2020).

Nesse contexto, a escrevivência será feita a quatro mãos apontando para reprodução das desigualdades de gênero no exercício da docência durante a

PROMOÇÃO



APOIO

pandemia do novo Coronavírus em uma escola pública na cidade de Coelho Neto, no Maranhão.

Foi no início do ano de 2020 com a rápida disseminação do novo coronavírus (SARS2-CoV2) que a Organização Mundial de Saúde (OMS) orientou dentre outras medidas³ o isolamento social, o distanciamento físico e o uso de máscaras. Nesse sentido, no Brasil, muitos foram os dissensos entre os entes federativos para adotarem as medidas sugeridas pela OMS. Entretanto, o governo do estado do Maranhão seguiu as medidas adotadas em outros países e suspenderam as aulas⁴, e com isso, alterou a rotina de docentes e discentes.

Não demorou muito para que as aulas presenciais fossem configuradas para a modalidade do ensino remota, de maneira que ferramentas há pouco tempo desconhecidas⁵ da maioria dos professores e estudantes da cidade de Coelho Neto, começam a serem cada vez mais manuseadas. Nesse contexto, não levou muito tempo para as dificuldades surgirem, desde o uso da plataforma, qualidade da internet até os desafios que era trabalhar em casa, isto é, as desigualdades educacionais persistem nos dois modelos de ensino (com ou sem mediações virtuais).

Foi nesse cenário que Nayra, a professora de sociologia da instituição, propôs à gestão da escola a elaboração de uma pesquisa para conhecer a realidade do trabalho dos docentes frente a esse novo quadro de crise sanitária da pandemia da Covid-19. Assim, com a anuência da gestão, a professora produziu um questionário elaborado no *Google Forms* com trinta perguntas objetivas. No desenvolvimento da pesquisa, ao comentar sobre a mesma com Tayná, também socióloga, esta sugere cruzar os dados sobre as questões que abordam as categorias de gênero e trabalho docente, e assim, surgem as reflexões que trazemos neste artigo.

³ Folha informativa sobre COVID-19: www.paho.org/bra/covid19.

⁴ MARANHÃO. Decreto N° 35.6629 de 16 de março de 2020.

⁵ A escola utilizou como ferramenta de mediação das aulas, sobretudo a plataforma do *Google Classroom*.

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

2 HABITANDO A ESCOLA

Um constante cheiro de café pairava no ar e a temperatura oscilava entre frio e quente devido a disputa do controle do ar-condicionado. Permaneciam nas mesas, inúmeras pastas com papéis e canetas, dava para notar quem organizava e quem desorganizava o espaço compartilhado. Armários com identificações que usualmente pressupõem a dona ou dono: letras rosas e flores para as professoras; e do outro lado, letras azuis e super heróis para os professores. Essa era a paisagem da sala dos professores que fui bolsista do Programa de Incentivo à Iniciação à Docência (PIBID) entre os anos 2014 a 2016. No meu armário não havia nem identificação do nome ou figuras adesivas. Notei curiosidade e estranhamento dessa “neutralidade”, que logo mais conformou um ponto de incômodo ao pesquisar gênero e sexualidade na escola. Não seria tão distante daquilo que me propus quando habitei à docência pela primeira vez.

A escola, esse espaço que é habitado por uma comunidade tão heterogênea quanto a sociedade, é um espaço também de disputa de poder, sobretudo ao que se refere às relações de gênero, pois o controle explícito, ou não, dentro das escolas, eram exatamente o que chamavam minha atenção.

Ao localizar temporalmente as minhas vivências escolares identifico as hierarquias e encruzilhadas das ideias sobre o controle dos corpos e definições sociais dos gêneros. A recordação desse espaço habitado pela diversidade e pela diferença tensiona o espaço de fora dos “olhos” da escola, o agora, “*home office*”.

A contingência de cheiros, objetos, sons e informações pairou sobre nossa fronteira de estar em casa salvaguardando nossos parentes e amigos de infectar-se da Covid-19, no entanto, percebia a ausência do café, das mesas bagunçadas e até mesmo das conversas sobre quem dominaria o controle do ar-condicionado. Era também a ausência do suporte dos colegas professores, coordenação e as relações interpessoais que só o cotidiano permitia nesses instantes de rotina de trabalho comunicar nossos desejos de projetos, inspirações de aulas, trocas literárias e claro

PROMOÇÃO



APOIO



o “face to face” para suportar nossas indignações e surpresas com as desigualdades nesse espaço.

Em conversa com a professora Nayra compartilhamos nossas percepções sobre essas diferenças de forma crua, e vimos a possibilidade de analisar essas nuances em uma pesquisa na escola em que ela trabalha.

2.1 (DES)HABITANDO A ESCOLA

Aos domingos já sabia, não podia exceder-me, pois a segunda-feira era longa, então as organizações domésticas e da mochila para a viagem no dia seguinte era o ritual dominical. Na rotina da docência de quem precisa viajar para trabalhar em outra cidade, sair de casa e acompanhar as primeiras flechas do sol pela janela do carro ou ônibus tornam-se paisagens rotineiras. Às 7h já estava de pé, pronta para lecionar às doze aulas programadas para os turnos matutino e vespertino para as/os estudantes que moram na cidade 130 km distante da professora.

Mas no ano de 2020 essa rotina mudou. Pois, com a pandemia do Novo Coronavírus (SARS2-CoV2) às aulas se adequaram ao modelo remoto, através da plataforma *GoogleClassroom*, onde professores a alunos se habituaram a um novo vocabulário: aulas síncronas, aulas assíncronas, “*home office*”, etc., e assim ocorre o (des)habitar a escola física. Logo, o entusiasmo inicial do retorno às aulas mediada pelas plataformas digitais esbarraram nas dificuldades (e desigualdades) docentes e discentes.

Nesse contexto, houve a sugestão da professora de sociologia para a produção de uma pesquisa na qual tinha como objetivo traçar um perfil dos professores e reconhecer as dificuldades de trabalho nesse novo formato de ensino. Assim, com a anuência da direção, foi elaborado um questionário no *Google Forms* com trinta questões que abordavam vários temas para analisar o objetivo proposto, a saber: gênero, idade, cidade em que estava residindo naquele momento de trabalho remoto, quantas horas de trabalho diário, sobre as responsabilidades domésticas, o

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



espaço adequado de trabalho *home office*, os conhecimentos das ferramentas digitais, a qualidade da Internet, etc. Dessas ítems, iremos fazer o cruzamento das perguntas que se referem ao gênero e relacionar ao tempo de trabalho, atribuições domésticas, local de trabalho, renda e títulos acadêmicos.

2.1.1 Desnaturalizando Hierarquias

Foi em uma conversa informal com a professora Tayná após uma aula remota onde mencionei que havia um interesse em compreender o impacto do trabalho docente naquele momento da pandemia, em 2020, houve a provocação da possibilidade de reconhecer os desdobramentos da categoria gênero a partir dos dados obtidos pelas respostas dos professores. Dessa maneira, surgiu a hipótese que as informações poderiam demonstrar as desigualdades de gênero permeadas no trabalho docente.

As análises que iremos suscitar nesse artigo, são possíveis devido nossa localização pessoal, pois percebemos como nossa atuação docente é interseccionada pelo gênero, raça e classe⁶(dentre outras), além dos enfrentamentos das disparidades educacionais⁷ já conhecidas na educação pública em nosso país.

Desigualdades de gênero na atuação docente foram anteriormente observadas antes do agravamento da pandemia da Covid-19, no entanto, analisar o impacto dessas disputas sociais, econômicas e políticas em meio a uma crise sanitária tornou a análise profundamente necessária para a mediação de possíveis

⁶ Interseccionalidade apontada por Kimberlé Crenshaw (1979) será utilizada como ferramenta para descrever as maneiras como o gênero, raça, classe e outras intersecções como a regionalidade e geração interagem, dando formas às experiências.

⁷ “De acordo com o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), que avaliou 79 países em 2018, o Brasil é uma das cinco economias mais desiguais do mundo em relação à educação”. LIMA, Bruna; CARINNE SOUZA. Pandemia evidenciou desigualdade na educação brasileira. Educação básica. Disponível: <<https://www.correiobraziliense.com.br/euestudante/educacao-basica/2020/12/4897221-pandemia-evidenciou-desigualdade-na-educacao-brasileira.html>>. Acesso em: 20 maio 2023.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

soluções ou compreensões a curto prazo, em especial para a própria autocrítica e auto reflexão provocada nas duas professoras-pesquisadoras.

A âncora conceitual desta análise sobre as questões de gênero é baseada no conceito de gênero das sociólogas australianas Rawen Connel e Rebecca Pearse (2015) que apresentam uma perspectiva das Ciências Sociais para observar, analisar e compreender as relações sociais. Nesse sentido, as autoras frisam: “Acima de tudo, o gênero é uma questão de relações sociais dentro das quais indivíduos e grupos atuam” (p. 47) e, portanto, ponto de partida para direcionar como a estrutura social cria, reproduz e exclui arranjos sociais baseada nas relações específicas com os corpos, pois “o gênero é uma estrutura de relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais” (p. 48).

Visto que a estrutura de gênero desempenha nas relações sociais um poder na formação da ação individual, sua configuração é multidimensional e opera nos mais diversos arranjos sociais, tais como na identidade, no trabalho, no poder, na sexualidade que estão em constante mudança. A oportunidade de analisar as mudanças através da análise dos padrões em contextos culturais distintos cria uma variedade de formas de pensar e agir. E neste caso, observando as variações dos arranjos de gênero quando se tratam de uma estrutura que tende a ser reproduzida com outros arranjos por conta da crise em que foi encurralada, é necessário maior atenção nas suas transformações.

O diálogo sobre gênero possibilita a desnaturalização de hierarquias e matrizes normalizadoras de padrões a serem seguidos que legitimam formas de expressões. Judith Butlher (2015) apresenta que o gênero não é algo que é, mas algo que faz. Nos arranjos do gênero, as mulheres são atribuídas ao papel de cuidar e uma estreita relação com o espaço da casa, diferente do espaço da rua que é atribuído aos homens.

A concordância dessas atribuições de papéis de gênero é adotada nas relações sociais para assumirem uma ideia de que a diferença natural é a base para

PROMOÇÃO



APOIO





padrões sociais de gênero manifestas em diversos formatos, neste caso tanto na atuação docente quanto como nas tarefas domésticas em um momento que é necessário permanecer em casa por conta de uma crise sanitária. O que torna mais relevante a abordagem sobre os limites dados ao embate da jornada de trabalho⁸ quando se tratam de comportamentos, discursos e sentimentos alavancados em uma situação atípica de trabalhar “*home office*”.

2.1. 2 O que dizem os números?

A pesquisa proposta para a escola, como exposto, tinha como objetivo traçar o perfil dos professores e apontar as maiores dificuldades frente a nova realidade da pandemia. Assim, foi disponibilizado o link do *forms* no grupo de *Whatsapp* da instituição entre os dias 18 a 22 de maio de 2020, obtendo 75% da participação dos professores e professoras da escola - correspondente a quinze dos vinte docentes.

A plataforma *Google Forms* disponibiliza as respostas dos respondentes na planilha do Excel, podendo assim, gerar gráficos. Entretanto, decidimos apresentar os dados cruzados dos questionários, sem apresentar os gráficos, mas tecendo reflexões dos dados obtidos, e assim, colocando “carne e osso” aos números. Das trinta perguntas disponibilizadas na pesquisa, iremos focar apenas no cruzamento da pergunta que se refere ao gênero e relacionar ao tempo de trabalho, atribuições domésticas, local de trabalho, renda e títulos acadêmicos.

Então, sobre os dados gerais do perfil dos professores demarca uma maioria de mulheres docentes na participação da pesquisa, com 66,7% correspondente a dez pessoas. Para aprimorar o perfil interseccional desses professores respondentes aponta-se para uma maioria autodeclarar-se pardos/as (86,7%). Os professores estão

⁸ A jornada de trabalho doméstico é confrontada na perspectiva feminista de análise do gênero quando se localizam privilégios dados pela reprodução de relações sociais divididas em papéis sociais, onde a invisibilidade do trabalho doméstico altera hierarquias sociais em um espaço reiteradamente colocado como apolítico. Este conceito anteriormente teve a contribuição de Silvia Federici, em seu livro *O ponto zero da revolução* (2019), assim como a contribuição de Heleieth Saffioti, em 1969, com sua obra “A mulher na sociedade de classes”.

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

na faixa etária entre 35 anos a 44 anos, estes correspondem a 66,6% dos respondentes nessa faixa etária.

Ao que se refere ao cruzamento dos dados entre gênero e titulação, observa-se que as mulheres compõem o grupo com maior titulação (40%), prevalecendo o nível da especialização. O que pode aferir-se quanto ao nível de mestrado é equiparado entre os homens e as mulheres, correspondente a 13,33%, e não há professores com nível de doutorado na instituição.

Outro ponto que demarca a localização de origem do corpo docente é que existe uma quantidade considerada de professores residentes do estado do Piauí (33,5%). O que nos dá um parâmetro quanto a facilidade ou não da adaptação desses professores ao ensino remoto. Sendo que do total 20% do total dos professores da escola trabalham em mais de uma escola. Este dado também aponta para os conflitos das rotinas de trabalho do presencial para o remoto, onde envolvia logísticas de transporte e moradia desses professores.

Ao cruzar renda com local adequado de trabalho podemos constatar uma correspondência em termos de aquisição de instrumentos laborais. Primeiro, que a renda desses professores respondentes, 46,7% têm de 4 a 8 salários mínimos. Os professores com maior renda são também os que também apresentam locais adequados de trabalho no “home office” (26,6%). Em contrapartida aos professores que compartilham seu espaço de trabalho com outros familiares e os que não possuem espaço adequado de trabalho.

O acesso aos instrumentos e tecnologias de trabalho para o corpo docente adaptar-se ao ensino remoto transparece o fundamental suporte da estrutura escolar, além da ausência de alguns de terem posse e domínio desse espaço para realizar seus planejamentos pedagógicos e realizar suas aulas sem o auxílio da estrutura escolar.

Sobre o cruzamento entre responsabilidade com afazeres domésticos e tempo disponível ao trabalho podemos aferir que: todas as mulheres que participaram da pesquisa afirmaram que concomitante ao trabalho docente em formato remoto são

PROMOÇÃO



APOIO





responsáveis pelas atividades domésticas. Há um predomínio das respostas das mulheres quanto ao tempo de trabalho, informando que estão trabalhando mais do que antes (60%). Por oposição, 80% dos homens afirmam que realizam atividades domésticas, no entanto, predomina ser alguns dias por semana. Do total do grupo masculino 40% afirma estar trabalhando mais do que antes.

Sobre esses dados podemos hipotetizar sobre a dupla jornada de trabalho das mulheres e sua relação direta com o que a Biroli (2018) afirma sobre a divisão sexual do trabalho ser a base fundamental sobre a qual se assentam hierarquias de gênero nas sociedades contemporâneas, ativando restrições e desvantagens⁹ que modulam as trajetórias das mulheres.

Os dados obtidos demonstram como o gênero e o trabalho docente relacionam-se, e revelam nas intersecções das respostas às explanações sobre desigualdades de gênero e docência e que corroboraram, dentre tantas outras, com a saturação dos resultados.

3 CONCLUSÃO

Após essas breves observações sobre as configurações das desigualdades de gênero entre professores de uma escola, podemos ilustrar a importância da compreensão de quais elementos da desigualdade de gênero entre professores de uma escola de educação básica tem maior impacto nas habilidades e competências na adaptação ao ensino remoto para a desnaturalização de comportamentos e atitudes na formação de jovens que pertencem a esta escola de ensino integral.

⁹ Quando se observa a distribuição, na população, do trabalho precarizado, as mulheres negras estão na posição de maior desvantagem. Elas são 39% das pessoas que exercem esse tipo de trabalho, seguidas pelos homens negros (31,6%), pelas mulheres brancas (27%) e, por fim, pelos homens brancos (20,6%). Se acrescentarmos a esses dados o fato de que 98% das pessoas que exercem trabalho doméstico remunerado são mulheres e que, entre estas, muitas estão inseridas em relações precarizadas de trabalho, teremos um dos eixos em que a divisão sexual do trabalho se funde com as hierarquias entre mulheres, permitindo padrões cruzados de exploração (BIROLI, 2018, p.22).

PPGPP
30 ANOSJOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS

Em um momento em que a “pós pandemia” se tornou realidade, sobretudo quando em maio de 2023 a OMS decretou “o fim da pandemia”, o (re)habitar a escola se apresenta de forma entusiasmada como uma demanda de todo corpo docente e a sociedade civil. Entretanto, ainda se torna oportuno refletir sobre os diferentes impactos que a crise sanitária internacional se impõem, e foi nesse sentido que o artigo pretendeu expor as implicações concretas e subjetividades em relação ao trabalho e o gênero relacionando o corpo docente de uma cidade do Maranhão.

A importância deste trabalho se deu pela consideração de que o repertório simbólico da vivência das relações de gênero, dentro das escolas, é um aspecto de relevância para o processo de desnaturalização sobre as habilidades e competências de homens e mulheres na formação de jovens. Com os resultados apresentados, mediante seus limites, pretende, de forma honesta, apresentar como as Ciências Sociais, em especial a Sociologia, têm como contribuir para as mudanças socioculturais que tanto nos servem de ‘laboratório’, no seu sentido mais clássico de compreender para intervir.

REFERÊNCIAS

BIROLI, Flavia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 8. Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CRENSHAW, K. **Dermargilizing the intersection of Race and sex**: A Black Feminist Critique of antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory, and Antiracist Politics. Disponível em: <https://goo.gl/KfjTSp>. Acesso em: junho/2023.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP
30 ANOS

JOINPP
20 ANOS

XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA
DOM DELGADO
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA
Formação da Consciência de
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA
DE CLASSE DE LUKÁCS



EVARISTO, Conceição. 2005. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: Moreira, Nadilza Martins de Barros; Schneider, Liane (Orgs.). **Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora**. João Pessoa: Ideia, p. 201-212.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 11 ed. 2010, p. 37-55.

SANTANA, Tayrine; ZAPAROLI, Alecsandra. Entrevista. CONCEIÇÃO EVARISTO – “A escrevivência serve também para as pessoas pensarem”. **Itaú Social e Rede Galápagos**. São Paulo: 09 de novembro de 2020. Disponível em <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/>. Acesso em junho/2023.

PROMOÇÃO



APOIO

